

Era do “crescimento fácil” acabou, dizem especialistas

Problemas de infraestrutura, câmbio e investimento baixo são gargalos da economia

Eva Rodrigues

evarodrigues@brasileconomico.com.br

Ao elencar as mazelas de infraestrutura do país e os desafios para fomentar investimentos, especialistas presentes no 8º Fórum de Economia da FGV, realizado ontem, em São Paulo, foram explícitos, cada um a seu modo, ao apontar que a “era do crescimento fácil” acabou para o Brasil. A partir de agora, não apenas os custos dos investimentos devem aumentar, como a urgência em executar grandes obras com a gestão precária que atualmente cerca os projetos.

Para explicar a tese, o assessor da vice-presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Francisco Eduardo Pires de Souza, volta alguns anos e lembra que a economia brasileira retomou uma trajetória de crescimento na casa dos 4% no terceiro trimestre de 2003 e passou a contar com investimentos da ordem de 17% do Produto Interno Bruto (PIB). Ocorre que esses números tiveram como pano de fundo circunstâncias que não se repetem.

“O crescimento do estoque de capital da economia se deu de forma desequilibrada, em particular na infraestrutura que não foi suficientemente desenvolvida nesse período. Contudo, o câmbio apreciado contribuiu como facilitador dessa relação de crescimento econômico alto e investimentos menores. Esse mesmo câmbio, que levou a uma queda substancial da indústria de transformação e de infraestrutura, teve um efeito de economia de recursos para os investimentos em Formação Bruta de Capital Fixo ao reduzir os preços dos bens de capital importados”, pondera Souza.

O ponto é: se a desvalorização cambial prosseguir, o barateamento desses investimentos está com os dias contados. Juntando-se a isso o mercado de trabalho, com taxas de desemprego em patamares historicamente baixos, as empresas terão que apostar muito mais em aumento de produtividade do que de emprego — o que significa necessidade de taxas de investimentos mais altas. E mais caras.

David Kupfer, coordenador do grupo de indústria da UFRJ, concorda e observa que investimen-

tos em infraestrutura têm duplo papel: são essenciais nos custos de produção e estão ligados à demanda da economia. “Houve um desmonte da capacidade de planejamento da esfera pública e o PAC deixa claro que não basta ter um bom projeto pois os problemas de coordenação da infraestrutura são profundos”, diz.

Outro ponto a jogar contra os custos desses projetos diz respeito à logística de transportes do país. “O governo tem sido eficaz em escolher as prioridades, mas a execução dos projetos é sofrível”, diz o professor da UFRJ Paulo Fernando Fleury, que cita alguns números: em 1975 o Brasil investia 1,8% do PIB na área de transportes, patamar que caiu para menos de 0,2% do PIB nos anos 1990 e agora. “Nenhum dos grandes investimentos em logística do PAC está finalizado, mas já temos o PAC 2. E são investimentos que geram a oportunidade de economia equivalente a 3% do PIB”, afirma. De R\$ 811 bilhões em investimentos necessários somente em rodovias, ele observa que o equivalente a R\$ 43,5 bilhões estão no PAC. ■

Murilo Constantino



Paulo Fernando Fleury
Especialista em infraestrutura e professor da UFRJ

“Nenhum dos grandes investimentos em logística do PAC está finalizado, mas já temos o PAC 2. E são investimentos que geram a oportunidade de economia equivalente a 3% do PIB”

A demora das obras de logística, em especial das estradas, é gargalo para o país

